



MIGRANTES NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA: ESTRANHAMENTOS E PRECONCEITOS NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

Ilze Arduini de ARAÚJO¹
Irani Silva CARVALHO²

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre as relações sociais entre migrantes nordestinos e os moradores da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, analisar a situação sociocultural dessa população bem como as condições de aceitação ou rejeição social vividas por eles dentro do âmbito universitário. O fato de sermos filha de mãe mineira e pai nordestino também foi uma influência na investigação desse tema. Durante boa parte da infância e da adolescência, sofremos a interferência das duas culturas. Corriqueiramente, uma família estranhava os costumes da outra e, nesse estranhamento, não faltavam os “elogios” depreciativos e estereotipados, cujos motivos eram difíceis de serem compreendidos.

Portanto, pelo fato de nos sentirmos incomodados com a presença do preconceito velado e às vezes explicitado contra os nordestinos em Uberlândia, de em diversos momentos ouvir uma versão distorcida do uberlandense a respeito do migrante nordestino que aqui chegava e principalmente, saber a opinião de alunos universitários, num ambiente escolar, dentro dos muros da Universidade, resolvemos pesquisar esse tema.

Nossa inquietação, portanto, nos instigou a procurar entender os motivos que levaram esses migrantes a saírem de sua região e como foram recebidos pela população de Uberlândia. Buscamos ainda os possíveis motivos desses nordestinos serem associados, ao longo dos anos, à miséria, ao atraso, à violência e à inferioridade. “Pré-conceitos” esses construídos, muitas vezes, a partir de uma associação da região Nordeste e da sua população com miséria, seca, atraso, violência e inferioridade. Sendo assim, acreditamos que este trabalho possa contribuir para que o leitor conheça um pouco mais sobre a história dessa gente e retire, quando houver, o véu do preconceito com relação ao nordestino, respeitando suas diferenças.

¹ Mestre e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. ilzearduini@yahoo.com.br

² Mestre e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. iraniscarvalho74@gmail.com





2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia usada para este estudo foi a história oral. Ela tem sido usada como metodologia por diversos pesquisadores em diferentes áreas de conhecimento. Sendo assim, os depoentes escolhidos contribuem para produção da História. “A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (Bosi, 1997, p.15). Ou seja, é também por meio dos depoimentos que pessoas humildes se tornam sujeitos da História, sujeitos esses que ficaram durante muito tempo, à margem da História Oficial.

Como nos diz Machado, a História Oral “é também uma maneira de dar voz àqueles que, enquanto sujeitos da história, atores sociais de seu tempo, não tiveram acesso às formas de impressão, de marcas, sejam elas quais forem, de suas experiências de vida.” (Machado, 1996, p.27).

Para as entrevistas, foram selecionados depoimentos de alunos de diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Após a análise dos depoimentos dos alunos de graduação procuramos compreender diversos aspectos, dentre eles, que visão os uberlandenses possuem do nordestino e se consideram esses migrantes como algo benéfico para a cidade de Uberlândia. Analisamos ainda se esses nordestinos têm ou não enfrentado preconceitos no âmbito universitário. O questionário direcionado aos alunos de Graduação da UFU continha perguntas semiestruturadas sobre o que pensavam do migrante nordestino em Uberlândia e qual a contribuição deles para essa cidade. Para essa investigação, formulamos um questionário com cinco perguntas, sendo duas questões fechadas e três abertas, entregues a 30 alunos universitários, com idades entre 18 e 53 anos. A escolha dos estudantes foi feita aleatoriamente, no pátio da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, entre os meses maio e junho de 2008. A única exigência era escolher alunos nascidos em Uberlândia dispostos a responder o questionário.

A primeira pergunta do questionário consiste em saber a idade, cidade onde nasceu, o curso e o sexo do(a) entrevistado(a) e ainda, se ele possui algum contato com nordestino. Formulamos essa primeira questão, para ter noção do grau de aproximação ou de distanciamento do depoente com nordestinos. O interesse em saber a idade e o curso dos depoentes foi para averiguar em que faixa etária e curso esses encontros são mais frequentes e quais são mais escassos.

A segunda questão consistia em identificar quais locais sociais esses encontros são mais frequentes, se na escola, no trabalho, na família etc. A terceira pergunta consistia em saber: “O que geralmente você ouviu falar dos nordestinos? Você concorda com a maioria?” Essa





pergunta tinha por objetivo identificar a visão que a população uberlandense tem sobre os nordestinos. A quarta pergunta era: “Qual a sua opinião a respeito dos nordestinos que vivem em Uberlândia?” Aqui buscamos identificar os estigmas que geralmente são colocados na figura do nordestino e se há entre os alunos da UFU preconceito contra esses migrantes.

A quinta e última pergunta foi: “Na sua opinião, em qual segmento da sociedade a participação dos nordestinos na formação da cidade de Uberlândia seria mais significativa?”. Com essa questão procuramos identificar o reconhecimento ou não do migrante nordestino pela população nativa. Apesar da resistência por parte da maioria dos alunos abordados, conseguimos que 30 respondessem as questões. A idade, o sexo, o curso que estudam, se possuem contato com nordestinos no cotidiano e onde esses encontros ocorrem geralmente estão dispostos na Tabela abaixo:

Tabela 1 - Contato de alunos com nordestinos

IDADE	SEXO	CURSO	POSSUI CONTATO?	ONDE OCORREM?
22	F	Letras	sim	Vizinhos
29	M	Direito	sim	No trabalho
20	F	Letras	raramente	No trabalho
29	M	Computação	Sim	Na escola
19	F	Arquitetura	Raramente	Eventos sociais
19	M	Letras	Raramente	No dia a dia
21	F	Administração	Sim	Todos os lugares
30	F	Administração	Sim	Amigos
23	F	Letras	Sim	No trabalho
23	F	Eng. Civil	Sim	No trabalho
22	M	História	Raramente	Encontros casuais
24	M	Computação	Sim	Na escola
20	M	Ed. Física	Raramente	Amigos
24	F	Filosofia	Raramente	No trabalho
20	F	Direito	Não	—
20	F	Filosofia	Não	Na escola
24	F	Direito	Não	—
28	F	Letras	Raramente	No trabalho
21	F	Ed. Física	Raramente	No trabalho





19	F	Computação	Raramente	Vizinhos
19	F	Direito	Não	—
33	F	Enfermagem	Sim	Na escola
28	F	Enfermagem	Sim	No trabalho
18	F	Computação	Raramente	Na família
53	F	Sociologia	Sim	Amigos
39	M	Administração	Raramente	No trabalho
34	F	Direito	Não	—
30	F	Letras	Não	No trabalho
36	F	Administração	Sim	Família e trabalho
22	F	Administração	Sim	Na escola e trabalho

Fonte: As autoras.

Nota-se na Tabela 1, que a maioria dos alunos que aceitaram responder ao questionário foi do sexo feminino. Ou seja, dos trinta alunos abordados, 23 eram do sexo feminino. Observa-se, ainda, maior presença de alunos que cursam Letras e Administração. Daqueles que disseram manter algum tipo de contato com nordestinos, a maioria, 40% deles, acontece nos locais de trabalho, 13% disseram manter contato com nordestinos na escola, 10% possuem amigos nordestinos, 6% têm vizinhos e 6% possuem nordestinos na família. Um aluno diz que seu contato com nordestinos acontece em “encontros casuais” e uma aluna diz que se encontra com nordestinos em “eventos sociais”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Selecionamos para o leitor algumas respostas desses universitários para melhor percebermos a visão que esses estudantes possuem em relação aos migrantes nordestinos. Deste modo, diante da pergunta “O que geralmente você ouve falar a respeito dos nordestinos? E desses comentários, o que você concorda e o que você discorda?”

Uma aluna de 22 anos do curso de Administração respondeu: “Ouço que tem a cabeça chata, que comem rapadura e tem uma cultura muito forte. Concordo com tudo”. Outra aluna de 19 anos, do Curso de Direito, respondeu: “Que são pessoas miseráveis, de aparência vulgar, e que sempre transmite um ar de vândalos ou mendigos. Não concordo, pois, com certeza há um motivo além dessas mesquinhas, p/ que essas pessoas ã tenham uma aparência boa”. Nessa resposta, além dos erros ortográficos, notamos que a entrevistada diz discordar num primeiro momento da maioria das pessoas que relacionam os nordestinos a algo miserável, mas





logo em seguida, ela “justifica” que deve haver algum motivo para que os nordestinos “não tenham uma aparência boa”. Ou seja, apesar de a estudante de Direito identificar o preconceito contra os nordestinos em outras pessoas, ela não se desvencilha do preconceito e nutre o mesmo sentimento em relação a essa população.

Uma aluna do curso de Letras, 30 anos diz: “Já ouvi que as pessoas nordestinas são na maioria pobres e com pouca instrução, resumindo são menos favorecidos e eu concordo com essa opinião”. Outra aluna de Administração, 36 anos, ouve que os nordestinos: “São matadores, gente ruim. Mas isto não condiz com nenhum que conheço. Esta comparação é relativa à época de Lampião e Maria Bonita”.

Para finalizar, apresentamos a opinião de mais uma aluna do Curso de Direito, 34 anos, sobre o que geralmente ela ouve falar dos nordestinos: “O que se ouve comentar é que em geral são sujos, aspecto grosseiro e analfabetos. Não concordo em nada pois não faço julgamentos antecipados sem conhecer”. A mesma aluna responde sobre a pergunta nº 5 (Na sua opinião, em qual segmento da sociedade a participação dos nordestinos na formação da cidade de Uberlândia seria mais significativa?) “Creio que a participação de qualquer tipo de pessoa, nordestino, asiático, negro é de grande valia para o crescimento e enriquecimento sociocultural e até mesmo econômico. Quando controlado e planejado”. Nesse depoimento, chamou-nos a atenção o fato de a aluna colocar o “negro, o asiático e o nordestino” como “tipo de pessoa” que enriquece a sociedade com sua cultura, podendo auxiliar até mesmo no crescimento “econômico”, mas, desde que isso seja “controlado e planejado”.

Ainda em relação à quinta pergunta, dez alunos disseram não saber respondê-la. Cinco falaram que os nordestinos contribuíram na construção de Uberlândia por meio de sua cultura. Dois disseram que a contribuição mais importância era a do folclore nordestino. Um referiu-se ao forró como algo bom para a cidade. Três estudantes disseram que, com os migrantes, a cidade ficou mais “ecletica”. Dois alunos consideraram como participação dos nordestinos a sua culinária. Dois entrevistados disseram ser a principal contribuição nordestina sua “alegria contagiante”, e cinco atribuíram a importância deles para a edificação da cidade por suas participações na construção civil.

Uma aluna de 18 anos do curso de Ciências da Computação escreveu: “Os nordestinos são sempre os que aceitam o trabalho mais puxado e pesado, então, a participação deles na construção civil de Uberlândia é muito grande”. Podemos notar que a profissão mais comum que os universitários relacionaram o nordestino foi com a construção civil, seguido pela culinária, folclore, cultura, forró e a “alegria contagiante”. Não percebemos, no entanto, em nenhuma das respostas, profissões vistas como “intelectuais, executivas, acadêmicas”. Por





outro lado, nos questionários, encontramos algumas definições estereotipadas dos nordestinos, como: “possuem a cabeça chata”, “comem rapadura”, têm “aparência vulgar”, transmitem um ar de “vândalos e de mendigos”, que são na maioria “pobres e com pouca instrução”, “matadores, gente ruim”, e que são em geral são “sujos, grosseiros e analfabetos”. Aqui se pode notar que alguns estereótipos ligados, durante décadas, aos nordestinos, ainda persistem. No entanto, de acordo com Albuquerque Jr. (2007), o que aprendemos com a História é, justamente que tudo que está em nossa volta, tudo que fazemos, dizemos, somos, pensamos, foi produzido e inventado historicamente pelos próprios homens e, se é assim que se é criado também pode vir a ser destruído, abandonado e desinventado pelos próprios homens.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos orais contribuíram enormemente para a realização deste trabalho. Por meio deles, foi possível perceber alguns indícios de preconceitos contra a Região Nordeste e de seus habitantes. Produzimos documentos a partir da análise de 30 depoentes (alunos de graduação nascidos em Uberlândia). Além da importância de se discutir o tema do preconceito contra os nordestinos, procuramos trazer ao leitor a consciência de quanto pode ser prejudicial comentários depreciativos direcionados à população nordestina. E vimos que apesar de se tratar de um ambiente escolar (Universidade Federal de Uberlândia), o preconceito ainda está presente, assim como todas as esferas da sociedade. Resta-nos vigiá-lo e combatê-lo.

Respeitar as diferenças não somente dos nordestinos, mas de toda a população seja ela de qualquer região, religião, cor, classe social é o pressuposto básico de uma sociedade justa, menos preconceituosa. Assim como o próprio homem construiu a imagem do nordestino como sendo “feio”, “ridículo”, de “mau-gosto”, “preguiçoso”, “violento”, “analfabeto”, “sujo”, comumente caracterizado como representante do que há de mais indesejável para essa sociedade, esperamos com este trabalho, instigar o início de sua desconstrução.

REFERÊNCIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**. As fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

MACHADO, M. C. T. História Oral: uma co-produção responsável. **Caderno Espaço Feminino**, v. 3, nº 1/2, 1996 p. 25-33.





III SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUANDAS(OS) SOBRE ESTUDOS E PESQUISAS EM HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO: A memória como fonte para a História e Historiografia da Educação

